



**Crítica de arte e design**

# DESENHAR UMA VOZ, UMA VOZ VISÍVEL, UMA VOZ HUMANA

Jorge dos Reis

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

A tua voz é tão privada e vulnerável como o teu indefeso corpo nu

Jonathan Rée

Quanto mais de perto se olha para uma palavra mais distante ela parece

Walter Benjamin

## 1. CAMINHAR EM CÍRCULO

À minha casa na Serra da Estrela chegam continuamente sons diversos: o vento raspando nas fragas, os chocalhos das ovelhas tilintando no crepúsculo, já noite o ladrar dos cães pastores, gritos e vozes de guardas florestais nas trevas do maciço central. Sons variavelmente repercutidos, de significados diversos, elevados pela neblina e pelo despertar do dia, aclarados pelo sol. São sinais de vida das aldeias envolventes, da cadeia montanhosa. Convites ao trabalho e à meditação, uma anatomia da nostalgia, uma vida que continua, um momento sonoro fixo na paisagem que marca a necessidade do equilíbrio interior profundo, vibrações nas cordas de um violoncelo, ressonâncias de uma voz humana, da esfera interior.

Todo esse contexto de sons é foneticamente paralelo às palavras que surgem mentalmente e desaparecem de forma intuitiva. É o próprio tempo que provoca esse desaparecimento: *tempus edax rerum* – o tempo é o destruidor de todas as coisas. Na esfera dessas palavras existem os caracteres. São formas abstractas com a sua devida atracção peculiar e mítica. A letra no contexto da palavra, pela sua carga poética, poder de comunicação e ao mesmo tempo com a possibilidade de confundir e enganar sempre foram, para mim, uma fonte de paixão e puro fascínio.

Procuro uma proposta estética, plástica e de grafismo que desejo coesa e estruturada, uma aquosa linha harmónica constituída por círculos de propagação da voz, vocalizando emoções vitais de apelo sensível e extremo, arcos de extraordinária simplicidade. A letra é em si um decifrar de códigos que perpassam a linguagem. Um alfabeto é uma exaltação harmónica plena, um estudo de execução transcendente. Saber ver o desenho de uma letra e de um alfabeto passa por saber ouvi-lo. As letras são sons e não pequenos sinais negros. A voz é de tal forma crucial que Jacques Derridá nos chama à atenção quando refere que “escrever é perigoso dado que se representa o sinal da própria coisa. Há uma necessidade fatal inscrita no funcionalismo premente do sinal, essa substituição faz com que se esqueça a sua função e a plenitude da voz tome o seu lugar, voz que é imperfeita e enferma, só suplementar (DERRIDÁ, 1997: 144).

## 2. DESENHAR O CÍRCULO DA VOZ

O desenho da palavra 'vox' partiu de uma Ortografia obstinada, nas palavras de Douglas Kahn, de um "som constituído por um canto e uma fórmula" (2001: 41). Essa fórmula é marcada por circunferências que representam a propagação da voz de forma sequencial. Essa estrutura sonora é inserida no corpo das três letras que formam esta palavra e desse modo evocam um conjunto de música de câmara ou um coro de três vozes, eventualmente uma soprano, um contralto e um barítono, este último ao centro, propagando uma voz mais escura e mais poderosa em contraponto com a delicadeza das duas vozes femininas.

Este artefacto visual evoca o som de uma nova museologia, onde o museu tem uma voz que alastra pela comunidade. O museu é espaço de saber, de comunicação, de leitura, de compras, de gastronomia, de vivência – uma nova voz. Tenho para mim aquelas que foram as duas mais fortes referências para este trabalho: *The Great Court de Norman Foster* para o *British Museum* e a recuperação da *Bankside Power Station* pelos *Herzon & de Meuron* para a *Tate Modern*; ambos em Londres. Na verdade são espaços museológicos que habitei depois de 2003, altura em que vivia em Londres, em *West Kensington*, quando estudava no *Royal College of Art*. Nesses museus, fiz compras, almocei e jantei, assisti a concertos, namorei, claro está que também acudi a exposições. Contudo, é a vivência plena desses lugares que marcam a sua presença na sociedade, criando uma voz que é constituída por todas essas actividades que fazem hoje o museu contemporâneo.

Nesse sentido o projecto de identidade 'vox' é transversal, tal como se querem hoje os museus. A designação 'vox' dará voz a uma diversidade de actividades e de objectos que partem de museologia, da arte, do património, acoplando territórios e fazendo a ponte com áreas muito diversas numa constante *cross-fertilization*. É uma voz plural que embrulha e absorve como uma esponja e que liberta ao produzir conteúdos que se querem originais e não convencionais.

## 3. A VOZ DA EPIGRAFIA ROMANA

Outro aspecto importante desta assinatura gráfica diz respeito ao tipo de letra desenvolvido para a palavra 'Musei' e para a designação complementar 'arte e património', inspirada na relação existente entre o alfabeto romano e o alfabeto grego tendo em conta que o alfabeto romano e os seus caracteres derivam do grego.

Os gregos aprenderam a escrever com os fenícios, provavelmente no século XVII ou XVIII a.C. (os dois povos eram marinheiros e mercadores tendo tido contacto mútuo na Cecília e na Ásia menor). Os gregos desenvolveram o alfabeto consideravelmente e alteraram o sistema fenício em dois aspectos: introduziram caracteres representando vogais e modificaram-nos do ponto de vista gráfico. Refira-se a esse propósito as inscrições de Atenas construídas geometricamente e que inspiraram este projecto.

Desde o início, a evolução da escrita reflectiu o carácter do povo que a concebia; esse aspecto está naquela época também presente pois a cultura grega viria a dominar o mundo romano, permeável às alterações da escrita de Atenas. Apesar daquele desenvolvimento e da forte influência que a Grécia exercia sobre Itália, Roma acabaria por desenvolver de forma mais grandiosa e autónoma o seu desenho da escrita, levando mais longe o apuro das formas e o equilíbrio gráfico dos traçados de cada letra que neste projecto foram sintetizados.

O período romano dos primeiros três séculos depois de Cristo constitui uma época fundamental para a consolidação do desenho da escrita tendo em conta que o arquétipo da letra romana é por essa altura retirado da coluna de Trajano em Roma, construída no ano 144 d.C. Inclui a maior parte das letras que formam o alfabeto excepto o 'K', 'H', 'Y', 'Z' ou as mais tardias 'J', 'U', 'W'.

Por último, refira-se a relação existente entre o carácter volátil e sonoro do 'vox' e a natureza epigráfica e fixa do 'musei' realizando um contraponto feito de antagonismos que neste sentido englobam toda a filosofia do 'vox musei'. Gera-se, assim, um quadro conceptual que liga duas dimensões diferentes, mas, neste caso, complementares, estabelecendo uma fértil relação entre a vanguarda e a nostalgia, o lúdico e o científico, o conceptual e o assertivo, o musical e o histórico, o futuro e o passado, o leve e o pesado. É nesse contraste que se procura e encontra o equilíbrio do 'vox musei'.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *The Work of Art in the Age of Its Technological Reproducibility, and Other Writings on Media*. Cambridge: Harvard University Press, 2008.
- RÉE, Jonathan. *I See a Voice, A Philosophical History*. London: Flamingo Harper Collins, 1999.
- DERRIDA, Jacques. *Of Grammatology*. London: John Hopkins University press.
- KAHN, Douglas. *Noise Water Meat, A History of Sound in the Arts*. Cambridge: The MIT Press, 1997.